

Abordagens feministas para o estágio supervisionado na educação básica

Comunicação

GTE 13 – Ensino Superior de Música

Thaís Lobosque Aquino
Universidade Federal de Goiás
tlobosque@ufg.br

Resumo: Este texto reflete sobre abordagens feministas em atividades de estágio curricular supervisionado na educação básica, a partir do desenvolvimento do musical “Nhanhá: hoje e sempre”, fruto de uma parceria entre o curso de Música-Licenciatura da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (Emac/UFG) e o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae) da mesma les. A partir do arcabouço principiológico e procedimental da etnografia e da pesquisa-ação, procede-se à descrição e análise do processo de construção do musical, consoante seus desafios e perspectivas. Ao final, demonstra-se a importância de abordagens contra-hegemônicas para a formação musical de crianças da educação básica, assim como para a formação profissional colaborativa de professoras formadoras e em formação.

Palavras-chave: feminismo; educação musical escolar; estágio curricular supervisionado.

Apontamentos iniciais

Este texto tem por objetivo refletir sobre abordagens feministas em atividades de estágio curricular supervisionado na educação básica, a partir das experiências vivenciadas durante a construção do musical “Nhanhá: hoje e sempre” fruto de uma parceria entre o curso de Música-Licenciatura da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (Emac/UFG) e o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae) da mesma instituição.

A parceria entre as duas unidades da Instituição de Ensino Superior (les) data de mais de duas décadas. Mas, envolvendo especificamente o trabalho pedagógico-musical com

abordagens feministas, acontece desde 2016. Todas as atividades desenvolvidas estão lastreadas por dois projetos de pesquisa: “Mulheres na Música” e “Epistemologia da Educação Musical Escolar: possibilidades para os saberes musicais nas escolas de educação básica brasileiras”; dois projetos de extensão: “Diálogos entre teatro, dança, música e educação” e “No palco da sala de aula, musicalidades goianas”; e dois projetos de ensino: “Formação e profissionalização de professores de música para atuação na educação básica” e “Rede de compositores da Música Popular Brasileira como base para o ensino musical escolar: ações formativas conjuntas para a formação de alunos do Ensino Fundamental e estagiários do curso de Música-Licenciatura”. Os seis projetos tanto foram elaborados quanto são coordenados e implementados pelas professoras orientadora da Emac/UFG e supervisora do Cepae/UFG. Eles, ainda, estão ligados ao Grupo de Pesquisa Músicas e Processos Formativos (MusiProf), que congrega todas as professoras¹ da área de educação musical da Emac/UFG.

O início do trabalho com abordagens feministas no processo de formação colaborativa, que envolve professoras (formadoras e em formação) e crianças do ensino fundamental via estágio curricular supervisionado, se deu em 2016. Neste ano, foi iniciada a primeira etapa da proposta, que trouxe à tona mulheres musicistas no interior do gênero sertanejo. A segunda etapa foi iniciada em 2017 e correspondeu ao trabalho com três possíveis formas de inserção da música no ambiente escolar a partir de atividades pedagógico-musicais com Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Nannerl Mozart (1751-1829) e Rita Lee (1947-2023) (Aquino, 2021). A terceira etapa englobou o ano de 2018 e tratou da cirandeira pernambucana Lia de Itamará (1944-). A quarta etapa foi iniciada no segundo semestre de 2020² e busca, até

¹ Neste texto, explicitamente feminista, opta-se pelo uso do termo professoras no feminino pelas seguintes razões objetivas: são as mulheres o maior quantitativo de profissionais que atuam no magistério brasileiro, são mulheres a maioria do corpo docente na área de educação musical da Emac/UFG, são mulheres as duas professoras formadoras envolvidas diretamente com a experiência de estágio ora descrita. Assim como acontece com o emprego no masculino, o uso do feminino engloba toda a categoria docente.

² O projeto ficou temporariamente suspenso durante o ano de 2019 e o primeiro semestre de 2020 devido, inicialmente, à licença maternidade da professora orientadora e, em sequência, à pandemia de coronavírus.

hoje, articular abordagens feministas, músicas da cultura erudita e popular, e musicalidades goianas.

A quarta e atual etapa se subdivide em algumas fases. Entre o segundo semestre de 2020 e 2021³, tratamos de musicistas cujas atividades musicais abordam elementos da goianidade, caso de Maria Eugênia (1967-), Elen Lara (1971-), Pádua (s.d) e Marcelo Barra (1959-). Esta fase foi completamente desenvolvida no formato remoto, em função da pandemia de coronavírus, e foi finalizada no dia 9 de junho de 2021 com uma *live* no *youtube* envolvendo toda a equipe (professoras formadoras, estagiárias⁴ e crianças), musicistas, gestão universitária (incluindo o reitor da universidade) e comunidade em geral.

Logo após, as atenções se voltaram para as musicalidades de Pirenópolis com foco na tradicional “Festa do divino” e, dentro dela, o auto natalino “As pastorinhas”. Ainda no formato remoto, houve um trabalho de ensino coletivo com escaletas em que crianças tocaram a canção “Boa noite, meus senhores”, que compõe o auto. No transcorrer desta fase, também ocorreu uma *live* de bate-papo com uma ex-pastora pirenopolina no dia 21 de outubro de 2021.

Na terceira fase da quarta etapa, que englobou os anos letivos de 2022 e 2023, a personagem centralizada foi Nanhá do Couto (1880-1945), pianista, professora e incentivadora da música de concerto em Goiás. É justamente sobre esse momento do trabalho com abordagens feministas em atividades de estágio supervisionado que este texto vai se centrar.

³ Após a interrupção causada pela pandemia de coronavírus, o calendário acadêmico da UFG, les que abarca as atividades da Emac e do Cepae, ficou assim: 2020.1: 31 de agosto de 2020 a 22 de janeiro de 2021; 2020.2: 22 de fevereiro de 2021 a 12 de junho de 2021; 2021.1: 26 de julho de 2021 a 11 de novembro de 2021; 2021.2: 6 de dezembro de 2021 a 14 de abril de 2022; 2022.1: 25 de maio de 2022 a 15 de setembro de 2022; 2022.2: 17 de outubro de 2022 a 28 de fevereiro de 2023; 2023.1: 17 de abril de 2023 a 24 de agosto de 2023; 2023.2: 25 de setembro de 2023 a 06 de fevereiro de 2024; 2024.1: 18 de março de 2024 a 10 de agosto de 2024; 2024.2: 26 de agosto de 2024 a 21 de dezembro de 2024.

⁴ Usa-se estagiárias quando a turma for composta majoritariamente por mulheres e estagiários, quando há maior quantitativo masculino. Quando o emprego é genérico, assim como acontece com professoras, opta-se pelo emprego da variante feminina estagiárias.

Abordagens feministas no estágio supervisionado

O eixo de estágio supervisionado do curso de Música-Licenciatura da Emac/UFG é composto por seis disciplinas. Alunas e alunos das três habilitações do curso – ensino do instrumento musical, ensino do canto e educação musical – fazem conjuntamente as quatro primeiras e, nas duas últimas, são encaminhados para disciplinas específicas conforme sua habilitação e perfil profissional (UFG, 2019). Os estudantes da habilitação em educação musical, cuja formação é direcionada para a atuação com aulas de música na educação básica, cursam as disciplinas de “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar” e “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar”, que têm como campo de estágio o Cepae/UFG.

Desde seu início, o trabalho pedagógico-musical centrado em Mulheres na Música têm se desenvolvido, prioritariamente, junto a estas duas disciplinas. O objetivo é articular formação e profissionalização docente em música, perspectivas contra-hegemônicas para o ensino de música na educação básica, formação musical para crianças do ensino fundamental e valorização de produções de musicistas femininas e feministas.

Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) chamam à atenção sobre a necessidade de um feminismo para os 99%, quer dizer, um feminismo voltado à maioria, não liberal, anticapitalista, antirracista, anti-imperialista e ecossocialista. Para elas, a luta feminista não é apenas de gênero, pois envolve discussões relacionadas à classe, raça, processos de colonização e meio ambiente. Elas terminam seu manifesto dizendo que:

O feminismo para os 99% é um feminismo anticapitalista inquieto – que não pode nunca se satisfazer com equivalência, até que tenhamos igualdade; nunca satisfeito com direitos legais, até que tenhamos justiça; e nunca satisfeito com a democracia, até que a liberdade individual seja ajustada na base da liberdade para todas as pessoas (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 123).

Compreende-se, portanto, que um feminismo para a maioria abrange uma luta coletiva por igualdade, justiça e liberdade, que engloba dimensões sociais, ambientais, políticas,

econômicas e culturais; assim como, acrescentemos, aspectos epistemológicos, artísticos, educacionais e musicais. É um feminismo amplo, plural, interdisciplinar e multidirecionado.

Neste sentido, Aquino e Oliveira (2023) problematizam uma ideia essencial: um feminismo empenhado com a justiça social e verdadeiramente transgressor não pode existir apartado da criação de novas poéticas e de novas sensibilidades feministas pela via da arte e da experiência estética. Nas palavras das autoras:

(...) uma luta feminista empenhada em processos de transformação do *status quo* está intimamente relacionada com experiências estéticas transgressoras. Estas experiências, por certo, envolvem práticas artísticas – de apreciação, de performance, etc. – com obras de arte com potencial de negação à dinâmica opressiva, técnico-racionalista, capitalista, machista e patriarcal instituída (Aquino; Oliveira, 2023, p. 9).

Se o feminismo precisa estar atento às questões sociais, políticas, econômicas e culturais mais amplas; se o feminismo demanda novas poéticas e novas sensibilidades com potencial de negação da realidade instituída; finalmente, se o feminismo depende de práticas artísticas que nos ajudem a questionar os processos de dominação, o machismo e o patriarcado; ora, para tornar tudo isso possível, o feminismo também precisa se entrelaçar com os processos formativos escolares dos mais variados níveis de ensino brasileiros.

Por consequência, é importante que um feminismo para a maioria esteja presente em processos de formação musical, desde o momento do planejamento das atividades, da definição de objetivos, da seleção de conteúdos e repertórios até o desenvolvimento de atividades, construção de metodologias de ação e avaliação do trabalho realizado.

No caso da experiência ora descrita, as abordagens feministas lastrearam os momentos didáticos de planejamento, desenvolvimento e avaliação e, antes disso, estavam previstas, registradas e coordenadas por projetos de ensino, de pesquisa e de extensão, conforme mencionado anteriormente. Os projetos, e a articulação deles entre si e com o grupo de pesquisa, funcionam como bússolas que guiam as intencionalidades, as ações e as reflexões da equipe de professoras (formadoras e em formação).

Longe de aprisionarem, eles ajudam a potencializar um elemento fundamental de todo o processo formativo-musical: o perfil de professoras-pesquisadoras. Consoante as ideias de Pimenta e Lima (2011), a pesquisa é um método para a formação inicial das estagiárias e a formação continuada das professoras orientadora e supervisora. A pesquisa no estágio engloba tanto a análise pedagógica – em nosso caso, pedagógico-musical – do contexto onde o estágio acontece quanto o desenvolvimento de uma “postura” de pesquisadora. Isto ajuda a minar o esteriótipo da docente conteudista ou mera executora de atividades no ambiente escolar.

Entender o estágio como pesquisa e professoras de música como pesquisadoras é trazer à lume que os processos investigativos atravessam toda a atividade docente-musical e estão ancorados em metodologias. No estágio, há uma metodologia de ensino, que corresponde aos meios pelos quais se conectam conteúdos e formas organizativas para se alcançar os objetivos pedagógico-musicais propostos; e há, ademais, uma metodologia científica de pesquisa, quer dizer, um conjunto de atividades sistemáticas de planejamento, coleta, organização e análise dos dados colhidos na prática escolar cotidiana.

Em termos de metodologia científica de pesquisa, as disciplinas de “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar” e “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” têm se valido das contribuições principiológicas e procedimentais de duas abordagens qualitativas: etnografia e pesquisa-ação. O começo das atividades se inspira nos pressupostos da etnografia, prevendo um contato direto da professora orientadora e estagiárias com a situação pesquisada de modo a revelar suas múltiplas dimensões a partir dos instrumentos da observação participante e da escrita de diários de campo (André, 2012). À medida que a proposta evolui, toda equipe age em prol das e pesquisa as transformações nas práticas pedagógico-musicais (Ghedin; Franco, 2011). Ação e pesquisa caminham juntas e há elaboração em parceria de planos de aula, planos de ensino, materiais didáticos e projetos, que são objetos de análise sistemática futura.

Este texto se baseia na análise metódica de observações participantes, ações docentes, diários de campo, projetos, relatos de experiência, materiais didáticos e planos de aula a partir das bases epistemológicas da etnografia e da pesquisa ação. Tal análise reflete

sobre a metodologia de ensino descrita a seguir, que detalha o processo de construção coletiva do musical “Nhanhá: hoje e sempre” e seus desdobramentos pedagógico-musicais. A metodologia científica de pesquisa fornece as bases e o arcabouço analítico para refletirmos sobre a metodologia de ensino, enquanto esta última, mais viva, dinâmica e mutante, traz sempre novos elementos que estimulam um esforço coletivo permanente para sua compreensão.

A construção do musical “Nhanhá: hoje e sempre”

O início do trabalho com Nhanhá do Couto aconteceu no semestre letivo de 2022. I. No transcorrer das atividades da disciplina “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar”, a professora orientadora, a professora supervisora, um monitor e dois estagiários investigaram diversas personalidades femininas de Goiás no campo musical. Logo, a escolha por Nhanhá do Couto não foi imediata. Ela aconteceu porque Maria Angélica da Costa Brandão (1880-1945), seu nome de nascimento, teve um papel de destaque e liderou diversos movimentos musicais na antiga capital do estado, a Cidade de Goiás, e na atual capital, Goiânia, os quais criaram as bases para, mais tarde, inaugurar-se o Conservatório Goiano de Música (1956), uma das cinco faculdades que compôs a criação da UFG em 1960 e predecessor da atual Emac/UFG.

Embora tenha nascido em Ouro Preto, Nhanhá do Couto mudou-se para a Cidade de Goiás em 1901 e sua atuação abrangeu a criação da primeira orquestra da cidade, o desenvolvimento de saraus e recitais, além da oferta de aulas de piano para a comunidade local. Após diversas mudanças para Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Nhanhá passa um tempo em Goiânia, fomentando o cenário musical da cidade. Ela teve três filhas – Hebe, Diana e Ceres –; a segunda é mãe de Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça (1928-2005).

Belkiss foi muito incentivada por Nhanhá, que lhe deu aula de fundamentos de teoria musical e de piano. Ela realizou o sonho de sua avó ao mudar-se consigo para o Rio de Janeiro para fazer o curso superior de piano na Escola de Música da Universidade do Brasil. Após

formada, retornou para Goiânia para realizar outro sonho, também sonhado por sua avó: inaugurar o Conservatório Goiano de Música em 1956, incorporado à UFG em 1960, mais tarde transformado em Instituto de Artes (1972), Escola de Música (1996) e, finalmente, Escola de Música e Artes Cênicas (2000). Há relatos que Belkiss, ao lado do maestro Jean Douliez (1903-1987), criou a primeira orquestra feminina do Brasil (Orioli; Alcântara, 2023).

Se estamos aqui, hoje, devemos à Belkiss e à Nhanhá. Ao estudá-las, elaboramos nossa própria história e, mais, compreendemos que a criação e a implementação de abordagens feministas em processos formativo-musicais no estado de Goiás possuem trajetórias que nos remetem às ações de Nhanhá ainda no início do século XX.

O semestre letivo de 2022.1 funcionou, justamente, como um momento para estudos musicológicos e definições preliminares. Com as crianças do quarto ano do ensino fundamental, fizemos em 13 de julho de 2022 uma visita guiada à Emac, em que elas puderam conhecer as dependências e participarem de um recital didático de piano com um professor da instituição, que depois integrou a equipe do musical. As ações docentes dos estagiários em campo gravitaram em torno da apresentação da vida e da obra de Nhanhá do Couto e da performance da canção “Nhanhá do Couto” (vide figura 1), composta pela professora supervisora em homenagem à atuação desta importante musicista no território goiano.

Figura 1: Partitura da Canção “Nhanhá do Couto”, composta por Telma de Oliveira Ferreira.



XVIII ENCONTRO REGIONAL
CENTRO-OESTE DA

ABEM

EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical

Voz

Nhã Nhã do Couto

Telma

Goi - a - na - das Mi - nas Ge - rais Nhã Nhã do Cou - to en - cheu de mú -
- si - ca a ci - da - de de Go - iás a ci - da - de de Go - iás do sa -
rau ca - sei ro do quin - tal a - lhe - io no - tas - em tons ge - rais A
mú - si - ca se fez por in - tei - ro A mú - si - ca se fez por in - tei - ro

Fonte: Partitura confeccionada pela professora supervisora.

No semestre letivo de 2022.2, as atividades evoluíram para a construção do musical “Nhanhá: ontem e hoje”. Conforme Santa Rosa (2006), o musical é um gênero que abraça expressões artísticas como o canto, a dança e a interpretação teatral. Em nosso caso, houve, também, performance instrumental. Neste semestre, a disciplina de “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” contou com as professoras orientadora e supervisora, quatro estagiários e um monitor. O roteiro e as canções autorais foram desenvolvidos pela professora supervisora; a professora orientadora, que possui formação em dança, coreografou e criou/confeccionou o figurino; quatro estagiários criaram arranjos em seus instrumentos e os tocaram nas duas apresentações, que aconteceram nos dias 15 e 17 de fevereiro de 2023 no Teatro Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça da Emac.

Toda a equipe participou da elaboração dos arranjos para o instrumental Orff, tocados pelas crianças, e da preparação vocal delas. O espetáculo contou, ademais, com a presença de dois professores de piano da Emac, que tocaram obras de compositores brasileiros articulados com o contexto de vida e de produção de Nhanhá do Couto. Além de

27 a 29 de novembro de 2024
Goiânia-Goiás | Instituto Federal de Goiás



www.abem.mus.br

tocarem, eles criaram falas que elucidavam as peças, as quais foram incorporadas ao roteiro do musical. A presença destes dois músicos no decorrer do processo formativo levou a um ganho qualitativo no espetáculo em si e, mais que isso, incrementou a formação musical de toda a equipe envolvida.

À primeira temporada do musical seguiu-se a segunda com as mesmas crianças, agora no quinto ano do ensino fundamental. Para prepará-las, dois novos estagiários e uma estagiária da disciplina de “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar”, professoras (orientadora e supervisora) e um novo monitor, que havia sido estagiário nos dois semestres anteriores. A apresentação final da segunda temporada aconteceu no dia 23 de agosto de 2023 e, embora tivesse vários elementos da temporada anterior, constituiu-se em uma versão ampliada, com um roteiro mais longo, novas personagens, mais obras musicais e novos arranjos.

Em termos de personagens, além das narradoras 1 e 2, Luna e Chaplilina da primeira temporada, foram incluídas as narradoras 3 e 4, Marília Mendonça (1995-2021) e a própria Nanhá do Couto (1880-1945). Em termos de obras musicais, permaneceram “Vida no tempo” e “Nanhá do Couto”, ambas compostas pela professora supervisora; “Cora Coralina”, de Marcelo Barra (1959-) – as três performadas por crianças e estagiários –; “Odeon”, de Ernesto Nazareth (1863-1934) e “Impressões Seresteiras” de Villa-Lobos (1887-1959), tocadas ao piano por cada um dos professores convidados da Emac; e houve a inclusão de “Flor do Ipê” de André (s.d.), Andrade (s.d.) e Djalma(s.d.), performada por um estagiário, músico experiente no gênero caipira.

Dada a experiência desse estagiário com este gênero, no decorrer do semestre, a equipe de professoras (formadoras e em formação) estudou mais a fundo sobre música caipira/sertaneja. A inclusão da obra “Flor de Ipê” se deu para estabelecer a relação entre Nanhá, este gênero e outros “idos”, músicos que já partiram, como Ernesto Nazareth, Villa-Lobos e, mais recentemente, Marília Mendonça, importante musicista goiana falecida tragicamente em 2021. Além disso, a canção começa com os versos “Eu nasci no mês de agosto, o mês da flor do Ipê”, e Nanhá nasce justamente em 20 de agosto, motivo pelo qual

escolhemos a data da última apresentação, 23 de agosto, ocasião em que comemoramos os 123 anos de nascimento de nossa homenageada.

No segundo semestre letivo de 2023, que aconteceu de 25 de setembro de 2023 a 06 de fevereiro de 2024, problemas de saúde com integrantes da equipe, dificuldades com o calendário (que ficou dividido pelo recesso de final de ano) não favoreceram que o musical continuasse. Ademais, a própria equipe compreendeu que as atividades diretas com ele haviam chegado ao fim. Então, a professora orientadora reorganizou a metodologia de ensino, de modo que Nanhá permaneceu nas discussões, na escrita de relatos mais consistentes sobre a experiência vivida e na definição dos novos conteúdos e repertórios.

Quer dizer, a experiência com Nanhá transversalizou o semestre até seu ápice, em 01 de fevereiro de 2023, quando, no interior do Seminário Final de Estágio, uma banca composta por dois professores da Emac⁵ e as professoras orientadora e supervisora assistiram às apresentações dos relatos de experiência cujos títulos foram: 1. “O potencial da música caipira/sertaneja em processos de musicalização escolar”; 2. “O protagonismo feminino na formação docente: uma experiência de estágio supervisionado na educação básica”; e 3. “A melodia oculta: ecoando as notas do epistemicídio no estágio de educação musical”.

A partir de reflexões suscitadas pelo seminário e pelos relatos de experiência, foi construída a próxima etapa do trabalho com abordagens feministas para os semestres letivos de 2024. Neste ano, o trabalho visa articular gênero, raça e classe com repertórios da cultura popular e da Ciranda, centralizando, inicialmente e de forma mais aprofundada, Lia de Itamaracá (1944-). Em seguida, objetiva-se incluir mais pessoas na ciranda de Lia, fazendo com que ela dê as mãos para personalidades significativas da cultura musical popular goiana. Esta nova fase da quarta etapa está em andamento e será assunto para produções escritas futuras.

⁵ Agradecimento especial à professora Dra. Adriana Oliveira Aguiar e ao professor Dr. Thiago Xavier de Abreu que fizeram uma avaliação minuciosa das apresentações realizadas.

Apontamentos finais: desafios e perspectivas

As três apresentações do musical “Nhanhá: hoje e sempre” foram momentos fundamentais para toda a equipe, afinal, além da performance musical, coreográfica e cênica de Nhanhá, houve a oportunidade de divulgá-la para um público maior: a comunidade. Igualmente relevante foi o Seminário Final de Estágio, em que professoras em formação puderam compartilhar com pesquisadoras mais experientes seus trabalhos científicos, exercitando e assumindo o perfil de professoras-pesquisadoras.

Outro destaque foi o protagonismo feminino no transcorrer do musical. Mulheres compuseram, arranjaram, tocaram, coreografaram, escreveram, pesquisaram e, um elemento curioso, é que todas as personagens foram encenadas por meninas. Não houve intencionalidade prévia para que isto acontecesse, já que no roteiro inicial, havia apenas os termos “narradores, personagem a ser nomeada pelas crianças e Chaplin” que, em função dos acontecimentos, verteu-se em Chaplilina.

Interessante notar que a escolha do tema gerador ou do repertório é um elemento central em propostas de formação musical na educação básica. Esta escolha tende a gerar um efeito cascata, ressignificando os objetivos musicais e ético-formativos, as metodologias de ensino e toda a gestão de conteúdo e de sala de aula. A escolha por Nhanhá criou um “clima feminista”, fazendo com que as meninas, estagiárias/os e professoras participassem ativamente da proposta; incrementou reflexões sobre o machismo, o patriarcado e o papel da mulher na sociedade; além de ter fomentado parcerias mais igualitárias entre os gêneros a partir do fazer artístico e da pesquisa.

Contudo, houve inúmeros desafios relacionados à falta de apoio financeiro para a construção de cenários e figurinos, para o transporte das crianças e dos instrumentos e para a divulgação dos espetáculos. Em todas as apresentações, as crianças foram a pé da escola-campo até a Emac e o instrumental, transportado nos carros particulares das professoras formadoras.

No decorrer da proposta, uma convidada fez um fala especialmente problemática para toda a equipe (professoras e crianças), com um viés racista aparentemente velado e inconsciente. O grupo de estagiários se uniu, protestou e a professora orientadora fez uma reunião emergencial fora do horário de aula para debaterem o assunto. Como professoras de música, o encaminhamento dado foi didático-musical: com a orientação das professoras formadoras, estagiários prepararam em coletivo uma ação docente para as semanas subsequentes, cujo tema foi “contribuições das musicalidades negras para a música brasileira”.

Isto não apagou a fala proferida pela convidada, entretanto as questões raciais não foram invisibilizadas. Buscou-se em coletivo uma alternativa pedagógico-musical para ressignificar o racismo, embora a luta contra ele, assim como acontece com a luta feminista, seja uma constante, ao mesmo tempo, ampla e específica, cotidiana e universal, social e educacional, econômica e musical.

Além da ação docente mencionada, um estagiário, negro e militante, resolveu centralizar questões raciais em seu relato de experiência e as reflexões advindas da sua produção remodelaram a escolha de tema gerador e do repertório para os semestres subsequentes, trazendo à luz a cultura popular, a ciranda, Lia de Itamaracá e personalidades negras da cultura popular musical goiana.

Assim, esperamos que a proposta prossiga com desafios e a construção de novas perspectivas que impulsionem tanto a formação musical com abordagens contra-hegemônicas para as crianças quanto à formação profissional colaborativa de estagiárias e professoras formadoras. Mais ainda, espera-se que as ações se espalhem pela comunidade, incrementem reflexões em eventos científicos e possibilitem que o potencial formativo da educação musical seja dado a conhecer em Goiás e no Brasil.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 18. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

AQUINO, Thaís Lobosque. Epistemologia(s) da educação musical escolar: uma análise da proposta formativa “Mulheres na Música”. *Revista da Abem*, v. 29, p. 65-82, 2021.

AQUINO, Thaís Lobosque; OLIVEIRA, Keyla Andrea Santiago. Por uma nova sensibilidade feminista: a mulher como obra de arte a partir de Guida. *Revista Feminismos*, v. 11, n. 2, P. 1-23, 2023.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA; Sarah Orioli Emídio de; ALCÂNTARA JR. Othaniel Pereira de. As orquestras femininas goianas e o feminismo. 2023. Disponível em: <https://musicabrasilis.org.br/temas/orquestras-femininas-goianas-e-o-feminismo>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SANTA ROSA, Amelia Martins Dias. A construção do musical como prática artística interdisciplinar em educação musical. 184p. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de pós-Graduação em Música/Educação Musical, Universidade Federal da Bahia., Salvador, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. RESOLUÇÃO – CEPEC N° 1660. Projeto Pedagógico do Curso de Música-Licenciatura. Goiânia: UFG/Cepec, 2019.